

Pragmatismo político explica tendência por chapas puras nas eleições deste ano

Com neutralidade do Centrão, somente Lula formou uma coligação para concorrer

RICARDO STUCKERT

Por **Gabriela Gallo**

Considerando as chapas dos candidatos que concorrerão para a Presidência da República em outubro, esta será a primeira vez desde a redemocratização do país em que somente um dos candidatos formou uma coligação e todos os demais candidatos formaram uma chapa puro-sangue, ou seja, quando os candidatos a titular e vice são do mesmo partido.

O anúncio feito na quarta-feira (5) de que o deputado Alfredo Gaspar (AL) será o candidato a vice-presidente na chapa do candidato do PL, Flávio Bolsonaro, sacramentou a tendência. Seguida também pelo PSD, com Ronaldo Caiado e Gilberto Kassab; pelo Novo, com Romeu Zema e Eduardo Girão, e pelo Missão, com Renan Santos e Aroldo Medina.

SÓ LULA

Assim, a única exceção entre os candidatos é o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que terá novamente como vice Geraldo Alckmin (PSB). Lula conseguiu unificar em torno de si os partidos de esquerda, inclusive o PDT, que na maioria das vezes tendeu por um candidato próprio (em 2022,

concorreu com Ciro Gomes, hoje no PSDB). Mas mesmo Lula, desta vez, não conseguiu apoios mais ao centro.

Na verdade, os partidos do Centrão, como União Brasil, PP, Republicanos e MDB declararam neutralidade no primeiro turno, liberando que diretórios regionais firmem alianças com palanques locais de diferentes matizes ideológicos, de acordo com a conveniência em cada estado.

Para o Correio da Manhã, o consultor de Análise Política da BMJ Consultores Associados Érico Oyama avaliou que as estratégias partidárias em não formarem coligações partidárias se trata de “necessidade”.

“As candidaturas sem coligação são fruto de um pragmatismo dos partidos de centro, que priorizaram as eleições para o Legislativo e cautela mediante à possibilidade de novas revelações em inquéritos que envolvem os principais candidatos e entes próximos”, ele avaliou.

Na mesma linha, o cientista político Márcio Coimbra ponderou que, além do pragmatismo tático dos partidos de centro, a opção por chapas puro-sangue também reflete uma polarização do cenário político.

“No campo da oposição,



O presidente Lula e o vice-presidente Geraldo Alckmin oficializaram suas candidaturas

a dificuldade de atrair siglas moderadas para um projeto nacional comum e a busca por preservar a identidade ideológica sem conceder a vaga de vice impulsionaram a escolha por composições estritamente partidárias”, afirmou.

O cientista político avaliou que o cenário é um recorte da atual conjuntura política do país e não necessariamente “uma ruptura definitiva com a mecânica do presidencialismo de coalizão”.

“A necessidade de cons-

truir governabilidade no Congresso Nacional continuará impondo a formação de maiorias heterogêneas no pós-pleito, o que significa que a articulação de alianças foi apenas postergada para o segundo turno ou para a montagem dos ministérios. A mudança tática momentânea decorre da percepção de que antecipar uma coligação formal reduz a flexibilidade política e eleitoral de legendas que preferem calibrar seu apoio conforme o resultado das

urnas”, destacou Coimbra.

Por outro lado, o especialista em Marketing Político Leandro Coutinho pontuou que há uma mudança na forma de fazer política e na comunicação política que leva o candidato ao eleitor, diante da digitalização e das novas maneiras de se comunicar via redes sociais.

“Essa mudança na lógica da política foi tomada pelo espetáculo dos memes e das trends em detrimento do debate em torno das soluções para as demandas do eleitor”.

Em crise diplomática, Lula quer falar com Trump

EMILY J. HIGGINS/THE WHITE HOUSE

Por **Beatriz Matos**

A crise entre Brasil e Estados Unidos (EUA) deve encaminhar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para uma tentativa de conversa direta com Donald Trump. Interlocutores do Palácio do Planalto afirmam que Lula tem a intenção de telefonar para o presidente americano na próxima semana.

A decisão foi anunciada pelo próprio presidente durante encontro reservado com parlamentares do Psol e da Rede no Palácio da Alvorada. A reunião tinha como foco a entrega de uma carta em apoio à candidatura de Lula à reeleição, mas a política internacional acabou comandando a grande parte da conversa.

Deputados que participa-

ram da reunião relatam que Lula voltou a demonstrar preocupação com o cenário mundial, principalmente com a guerra entre Rússia e Ucrânia. Segundo eles, o presidente comentou que já tratou do assunto com Vladimir Putin e Xi Jinping, presidentes da Rússia e da China, e que pretende levar a mesma discussão a Trump.

Nos bastidores do governo, entretanto, há expectativa sobre outro tema que poderá entrar na conversa. O telefonema é articulado justamente quando Brasil e os EUA vivem uma das maiores crises diplomáticas dos últimos anos. Ainda assim, auxiliares do presidente afirmam que não há confirmação de que assuntos como o tarifaço imposto por Washington ou os

recentes atritos diplomáticos façam parte da pauta.

Nas últimas semanas, o governo Donald Trump anunciou uma sobretaxa de 25% sobre parte dos produtos brasileiros e, posteriormente, outra de 12,5% para itens atingidos por uma investigação sobre trabalho forçado. A crise também avançou para o campo diplomático, com o cancelamento dos vistos da embaixadora do Brasil em Washington e de integrantes da representação diplomática brasileira nos Estados Unidos.

Mesmo sem uma pauta fechada, integrantes do governo avaliam que o telefonema pode representar a primeira oportunidade de diálogo direto entre Lula e Trump desde o agravamento da crise entre os dois países.



Lula quer conversar com Trump para diminuir tensão